

Caracterização do gênero epistolar: carta do leitor

Ana Paula de Melo Miranda e Camila Bandeira Cunha

Universidade Federal do Ceará

Orientadora: Maria Helenice Araújo Costa - Universidade Estadual do Ceará

ABSTRACT: *Considering that God is the place of the “omnipotence of the silence”, this work search to analyze the silence divine associate to the sense, to the words, the a relationship with the language of the speech of the Foot. Marcelo that is constituted as spokesperson of God to do present the silent voice of God, being put as mediator between the man and God (omnipotence).*

PALAVRAS-CHAVE: *gênero textual; gênero epistolar; carta do leitor.*

Introdução

O estudo de gêneros textuais vem tendo grande destaque na Linguística. Como todos os eventos comunicativos estão classificados em gêneros, há uma necessidade em se descrever aqueles usados no nosso cotidiano.

Devido à importância e à carência de estudos a respeito do gênero textual carta do leitor, este trabalho é uma tentativa de descrever esse gênero em particular, observando pontos que distinguem as cartas do leitor de jornais das de revistas.

1. Gêneros e tipos textuais

Desde o surgimento do homem na Terra foi permanente seu esforço para se comunicar. A nossa evolução seguramente não seria a mesma se a humanidade não tivesse desenvolvido a arte de trocar idéias. Esta atividade foi aperfeiçoando-se progressivamente de uma maneira tão intensa que os homens inventaram uma forma, uma espécie de máquina do tempo que ultrapassa os limites entre passado e presente. Chamamos de máquina do tempo a escrita, que perpetua consigo o imenso oceano da linguagem.

Em tempos de modernidade, o homem precisa cada vez mais dominar a escrita, já que muitos são os meios de comunicação e poucos são os que exigem contato direto, não só por este motivo, mas também porque a habilidade com a escrita favorece ao indivíduo uma posição valorizada na sociedade. É dentro deste mundo moderno de comunicação que surgem as cartas dos leitores, as quais serão o foco central deste artigo.

Para que possamos diferenciar as cartas do leitor veiculadas em jornais das veiculadas em revistas, examinaremos, primeiramente, os conceitos básicos de gêneros textuais e de tipos de textos.

A distinção entre gênero e tipo textual provoca, ainda hoje, inúmeras discussões. Isso se deve ao fato de, até alguns anos atrás, a noção de gênero ser estudada exclusivamente dentro dos limites da literatura. Só recentemente, o termo passou a ser usado de forma mais ampla, para fazer referência aos textos que são produzidos nas diversas instâncias do discurso. É dentro desta perspectiva que trataremos da questão.

Conforme afirma Bakhtin (1997[1953]), o uso da língua pelos homens ocorre em forma de enunciados, que surgem por meio das mais variadas áreas das atividades humanas. O autor se utiliza dessa noção para definir os gêneros do discurso, entendendo-os como “tipos relativamente estáveis de enunciados” elaborados por “cada esfera de utilização da língua” (Bakhtin, 1997[1953]: 279). Esses enunciados, segundo ele, são estáveis com relação ao tema, à composição e ao estilo.

Com base nessa definição, tomaremos os gêneros textuais como formas de enunciados que seguem padrões mais ou menos constantes no processo de comunicação verbal. Ou seja, os eventos comunicativos – sejam eles criados na simplicidade do cotidiano, sejam eles os mais elaborados em situações de formalidade – enquadram-se em classes que obedecem a alguns padrões de forma, função e conteúdo.

De acordo com Marcuschi (2000), os gêneros são inúmeros e porém podemos diferenciá-los a partir de traços sócio-comunicativos, definidos por estilo, conteúdo e propriedades funcionais. Podemos ter como exemplos de gêneros textuais o telefonema, o horóscopo, a resenha, o artigo, a bula de remédio, as cartas, entre outros.

Já os tipos textuais não devem ser confundidos com os gêneros, pois, se estes são classes de eventos comunicativos, orais ou escritos, que contêm características mínimas usadas pela comunidade para atender à necessidade de comunicação, os tipos textuais são as seqüências discursivas narrativas, descritivas, expositivas, argumentativas e injuntivas, para citar apenas as mais consensualmente classificadas. Tais seqüências ou tipos textuais não são mutuamente excludentes e podem estar presentes em qualquer gênero.

2. A epistolaridade

Este artigo tem o propósito de voltar-se para um gênero textual produzido particularmente em modalidade escrita; trata-se de um gênero epistolar, mais especificamente da carta do leitor.

Um dos poderosos recursos de interação escrita são as cartas em geral. Os gêneros epistolares são mais imediatamente reconhecidos pela sociedade por de seus aspectos formais, pois as cartas seguem padrões mais ou menos fixos quanto ao seu formato. Nelas constam, primeiramente, o lugar de onde se escreve e a data, seguidos de vocativo. Posteriormente temos o desenvolvimento do conteúdo, que pode ser infinitamente variável, dependendo dos propósitos discursivos do enunciador, findando-se com a assinatura. Podemos observar estes aspectos no exemplo de carta pessoal que segue:

(1) Fortaleza, 23 de dezembro de 2001

“Minha amiga,

Te adoro de montão e espero que seu Natal seja repleto de amor e paz e seu Ano Novo venha com muita sorte, principalmente no amor. Te a lovü e siempre te alovuarei. (grifo nosso)

R. L”.

Diante desse exemplo, torna-se importante ressaltar que as cartas pessoais, em geral, possuem uma linguagem simples, espontânea e desenvolvem-se quase como uma conversa face a face, em que encontramos normalmente o uso coloquial das palavras. No tocante ao léxico, podemos encontrar neste tipo de diálogo neologismos e misturas entre as línguas. As criações dependerão da criatividade do emissor e do grau de intimidade existente entre os sujeitos envolvidos no processo comunicativo.

Também é necessário saber que muitas das características formais desse gênero vêm em decorrência de aspectos funcionais. Segundo Herman (2000), na escrita epistolar, o tempo e o espaço ocorrem diferentemente para o emissor e o destinatário. A carta é dirigida para um determinado destinatário, ausente no momento em que se escreveu. Entretanto, ao ser concretizada a leitura pelo receptor, quem não está presente é o escritor, e o tempo da escrita torna-se passado. Percebemos, então, a ocorrência de um diálogo não imediatizado, haja vista a distância do espaço temporal entre o destinador e o destinatário.

No que respeita às cartas do leitor presentes em jornais e revistas, observamos, contudo, que os aspectos formais facilmente identificados nas cartas em geral podem estar inseridos em locais diferentes. Nos jornais e revistas, por exemplo, a data encontrada não é a da escrita e sim a da publicação; e o nome da cidade de origem, por sua vez, localiza-se após o nome do escritor, como veremos a seguir.

3. O gênero carta do leitor

Nas cartas do leitor, os usuários de jornais e revistas podem expressar suas opiniões, deixando claro que não são meros receptores de mensagens, e como desde a descoberta da faculdade da linguagem o homem quer e necessita comunicar-se com outrem, este tipo de seção vem ganhando cada dia mais espaço e aceitação pública.

Os leitores sentem-se lisonjeados ao verem suas opiniões publicadas; há aqueles que as colecionam como troféus e não perdem a oportunidade de estar sempre se comunicando. Essa contribuição assídua para os meios de comunicação passa a fazer parte de suas vidas como qualquer outra tarefa diária.

Os editores, assim como os leitores, também estão cientes da importância dessas cartas, pois elas desempenham o papel de espelho da aceitação pública, tanto para o jornal quanto para a revista. A aceitação, ou não, de determinado assunto abordado ou da forma como foi escrita a matéria se evidencia através dessas cartas. Assim, o corpo jornalístico é estimulado a melhorar o que deve ser melhorado e a criar, de certa forma, regras de qualidade para manter as matérias sempre no nível de aceitação do seu público-alvo. Isso nos sugere de imediato a idéia de um diálogo responsivo ativo, já que existe uma interação entre os sujeitos envolvidos no processo de comunicação.

Como prova do orgulho existente com a numerosa correspondência que chega à redação, temos a amostragem da revista *Veja*, que semanalmente publica na seção Cartas os números de e-mails, fax e cartas, fazendo ainda um levantamento dos assuntos mais comentados.

Obviamente nem todas as cartas podem ser publicadas; elas passam por uma edição e seleção onde são divididas por assunto, dando-se preferência aos textos enxutos e coesos.

Pesquisando nas revistas *Veja* e *IstoÉ*, verificamos que ambas esclarecem ao público leitor, em suas primeiras páginas, que as cartas enviadas podem ser selecionadas e editadas a partir de um critério de espaço ou de clareza. Isso significa que não apenas podem ser priorizadas as cartas menos extensas, como

também que as mais extensas poderão ser publicadas resumidamente.

Acreditamos que a publicação resumida possa às vezes comprometer o estilo do remetente, tornando as cartas mais objetivas do que na versão original, desvirtuando um pouco as intenções enunciativas do falante. Podemos observar esse caráter objetivo e resumido ao lermos o exemplo abaixo:

- (2) “Pasquale se elege guardião da língua portuguesa como se fosse um pai que não quer deixar seu filho crescer e, pior, como se fosse um homem de ciência. Ester Mambrini, Aracaju- SE”
(*Veja*, novembro de 2001, p. 27)

Percebemos, nesta crítica feita ao professor Pasquale, o quanto o texto foi resumido. Provavelmente Ester Mambrini escreveu bem mais do que o publicado, porém, os editores, achando este o trecho da carta mais significativo, resolveram publicar só a ele. É importante ressaltar que essa decisão sobre que trecho selecionar implica uma escolha subjetiva, e pode perfeitamente não corresponder ao que o próprio autor selecionaria, se lhe fosse permitido decidir.

O jornal *O Povo*, segundo nos informou o editor, encontrou uma solução para esse problema: os textos que não podem ser publicados na seção de cartas do leitor, por motivo de extensão ou mesmo por não apresentarem as características de carta do leitor, são redirecionados em formato original para um caderno intitulado *Jornal do Leitor*, publicado aos domingos onde se encontram textos de assuntos diversificados escritos tanto em verso quanto em prosa.

Observamos que, nos jornais, as cartas possuem um caráter mais diversificado do que nas revistas, pois as primeiras, além de se referirem aos artigos outrora publicados, apresentam indagações de qualquer natureza. Os leitores e escritores enviam cartas dos mais variados assuntos e tipos. Comumente, encontramos a recorrência dos seguintes temas: críticas ao governo e à prefeitura no que diz respeito a possíveis atitudes corruptas, como se dá no exemplo (3); comentários sobre bairros ou ruas, como em (4); e elogios a figuras conhecidas na sociedade ou a instituições, como em (5).

- (3) “Como cidadão, senti-me profundamente envergonhado ao ouvir, em tom de merecido deboche, os jornalistas do Sul anunciarem, em rede nacional de televisão, a “generosidade” com que os deputados cearenses se presentearam nesse natal: amparados numa manobra regimentar, sob pretexto de votarem matérias urgentes e do interesse da população (sic), cada um terminou por embolsar a bagatela de R\$ 30 mil.

José Olinda Braga, Fortaleza –Ce”
(*O Povo*, 06 de janeiro de 2002)

- (4) “A Av. Washington Soares no sentido praia se torna muito complicado e perigoso nos horários de pico. Portanto venho solicitar aos senhores responsáveis pela administração da via que estudem providências para a solução do tal acesso.

Giuliano Oliven, por e-mail”
(*Diário do Nordeste*, 30 de abril de 2002, pag.02)

- (5) “Mais uma vez peço obrigado publicamente a esse grande estimulador educacional dos estudantes

carentes da desprestigiada rede pública. O curso XII de maio teve um destacado papel no sucesso de centenas de jovens vitoriosos nos recentes vestibulares. Esse cursinho, ministrado por alunos do curso de medicina da gloriosa UFC, conseguiu colocar muitos de seus integrantes dentro da sonhada universidade.

Raimundo Nonato Salmito Lopes, Conj. Ceará". (Diário do Nordeste, 26 de maio de 2002, pag.02)

Nas revistas, os assuntos são mais restritos, as cartas enviadas são críticas, indagações ou elogios a matérias passadas. As primeiras cartas publicadas na seção referem-se sempre à matéria da capa da edição anterior; as subseqüentes comentam as matérias contidas no interior da revista.

4. Conclusão

Uma vez que esta pesquisa apenas se inicia, nosso principal objetivo, de comparar as características de forma, função e conteúdo das cartas do leitor, ainda não foi plenamente alcançado. Entretanto, já nos foi possível constatar algumas diferenças relevantes entre os conteúdos das cartas de jornais e de revistas.

Como pudemos perceber, as cartas dos jornais abordam temas que não necessariamente tenham sido mencionados em edições anteriores, enquanto as das revistas tratam exclusivamente das matérias da edição passada.

Nas revistas, as cartas são publicadas em um número maior do que nos jornais, fato que pode dever-se à periodicidade dos dois veículos de comunicação. As revistas têm cerca de uma semana para coletar todas as cartas enviadas, enquanto que os

jornais têm que selecioná-las diariamente. Outro ponto de distinção é a extensão das cartas. Verificamos que nas revistas, mais do que nos jornais, são publicados apenas segmentos das cartas originais, comprometendo, em muitos casos, os propósitos enunciativos do autor.

Inúmeros pontos que façam a distinção entre as cartas dos leitores de jornais e revistas podem ser mencionados, mas uma característica comum existente entre as duas jamais será questionada: a importância exercida por essas cartas tanto para os leitores quanto para os editores. Estes por poderem avaliar a aceitação do seu veículo de comunicação e aqueles por poderem expressar suas opiniões com a certeza de que haverá alguém para lê-las.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. __ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ERBOLATO, Mário L.. *Jornalismo Especializado: emissão de textos no jornalismo*. Ed. Atlas. s/d.

HERMAN, Vimala. *Deictic projection and conceptual blending in epistolarity*. <http://www.press.jhu.edu/journals/poeticstoday/v020/20.3herman.html>, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Por uma proposta para a classificação dos gêneros textuais*. Recife: UFPE, 1999. /Versão provisória. Xerocopiado./

PENTEADO, J. R. Whitaker. *A técnica da comunicação humana*. 3.ed. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1972.